

SALÃO NEGRO DO CONGRESSO NACIONAL, BRASÍLIA, DF,

12 DE DEZEMBRO DE 1996

Senhor Presidente do Senado, Senador José Sarney; Presidente da Câmara, Deputado Luís Eduardo Magalhães; Ministro Presidente do Supremo, José Paulo Sepúlveda Pertence; Senhores Ministros de Estado; Senhor Senador Teotônio Vilela Filho e demais familiares do saudoso Senador Teotônio Vilela; Senhores Senadores; Deputados; Líderes; Senhoras e Senhores;

Depois do testemunho tão eloqüente do Presidente Sarney, do modo tão extraordinariamente ao mesmo tempo coloquial e literário com que Sua Excelência nos brindou, nesta manhã, e das palavras do Senador Teotônio Vilela Filho, que traduziram o sentimento não apenas do filho do grande Senador, mas o do cidadão brasileiro que acompanha a vida política do Brasil, cabe muito pouco ao Presidente da República.

Pediria licença a todos os meus colegas que aqui estão para falar muito pessoalmente, muito diretamente, até nem tanto como cidadão, mas como alguém que conviveu com Teotônio. Eu não posso mais, nesta manhã, depois dos discursos tão extraordinários que ouvi, senão ilustrar um pouco aquilo que foi mencionado aqui.

Registrei em *CD-ROM* as minhas recordações. De repente me pediram, de improviso, as minhas recordações de Teotônio, e eu queria reavivá-las aqui.

Recordo-me de que, uma vez, nós estávamos na Câmara Municipal de São Paulo, e Ulysses me disse: “Vamos pegar o Teotônio e trazê-lo para o PMDB.” E nos aproximamos do Teotônio. Teotônio disse: “Vocês querem me arruinar? Eu vou perder as próximas eleições. Lá, em Alagoas, não dá para ser assim. Eu não posso.” Pois bem, muito pouco tempo depois, ele estava no PMDB e não estava se preocupando se ia se arruinar politicamente ou não. Estava de velas pandas, entusiasmado.

Mais tarde – para ilustrar o que disse o Senador Sarney – eu estava aqui, numa reunião, de manhã, numa comissão do Senado, e me telefonou o Ulysses Guimarães e disse: “Eu preciso de você. Venha aqui.” Eu digo: “Mas, aonde?” “Na casa do Simon”. Pedro Simon, que está aqui. “Venha aqui, porque é uma coisa urgente.” Ulysses estava para se afastar da Presidência do partido, porque não estava bem de saúde. Cheguei à casa do Simon. Ulysses me chamou num canto e me disse: “Olha, eu vou ter que me afastar e acho que o Pedro Simon é quem vai poder assumir, porque o Teotônio não está bem, o Arraes também não está lá em condições. Tem que ser o Simon.” E eu digo: “Mas como é que eu vou fazer?”

Começamos a conversa para tentar – usando uma expressão coloquial – “embrulhar” o Senador Teotônio Vilela. Mal comecei a conversar, a encaminhar, ali, a sugestão do Ulysses, e Teotônio saiu-se com uma espontaneidade total, dizendo: “Ulysses, você vai embora. Você vai para casa. Você não precisa se afastar. Eu já assumi.” E assumiu, ali, na hora, a Presidência do partido.

Ele já estava doente. Passaram-se uns meses e, aí, quem estava doente era eu. Parece que a história da República é muito de gente que adoce. Eu tinha sido operado de apendicite. O Governador Montoro vai ser testemunha disso. E havia aquele cuidado, porque o Governador Montoro tinha tomado posse e havia uma greve em São Paulo, dos metalúrgicos. O líder da greve chamava-se Joaquinção. Foi su-

plente de senador, mais tarde, aqui. E o PMDB não sabia como lidar com esses fatos. O Governador era nosso, nós o tínhamos eleito; a polícia era deles e os trabalhadores estavam em greve.

O Teotônio estava inquieto porque o PMDB não assumia a greve. Ele disse ao Raphael de Almeida Magalhães que ia a São Paulo, e este me avisou: “Teotônio vai desembarcar em São Paulo.” Desembarcou e foi lá para o meu apartamento. Ele estava extremamente inquieto com aquilo: “Não é possível. Nessa hora, nós não podemos ficar assim.” Eu disse: “Teotônio, eu estou convalescente de uma operação de apendicite.” Levei o Teotônio para almoçar na casa da minha mãe, que também é de Alagoas, para falar de Viçosa, das nossas raízes comuns, dos tios que são comuns e não-sei-o-quê. Chegou uma hora que eu não agüentava mais, porque eram Teotônio e minha mãe, os dois juntos. Aí, não dá. Homem e mulher de Alagoas, juntos, não há quem agüente: “Tem que ir para a briga, tem que fazer a greve, tem que não-sei-o-quê.”

Resultado: fui lá com o Teotônio. Pegamos o Joaquinção e fomos para a assembléia. Grandes discursos. Foi uma situação difícil: como é que eu, Presidente do partido, ia discursar, se o Governador era do PMDB, a polícia apareceu como nossa e nós não podíamos apoiar a greve? Não teve jeito: apoiamos a greve. Depois, fomos almoçar com o Governador Montoro, e o Teotônio, com aquele espírito extraordinário, explicou-lhe o fato. O Montoro entendeu muito bem. O PMDB, o partido do Governo, apoiava uma greve contra o Governo.

Mais um pequeno episódio, só para dar um pouco de carne e osso ao que era Teotônio: Teotônio, senador – eu era suplente do senador Montoro – vai a São Paulo. Época da anistia. E Teotônio me disse: “Hoje, nós vamos ao Barro Branco.” Barro Branco era a cadeia da Polícia Militar, lá, em São Paulo. Hoje, ir à cadeia, não estando preso, é fácil. Naquela época, não era assim.

“Está bem, vamos à cadeia.” Lá fomos nós dois; e a imprensa – sempre a imprensa – para registrar esses fatos importantes. Chegamos lá e não havia possibilidade de entrar. O Senador Teotônio não teve dúvidas: chamou o capitão que estava ali e disse: “Eu sou Senador da Repú-

blica. Eu vou entrar, não-sei-o-quê.” O capitão ficou um pouco estonteado, abriu a porta, e nós entramos na cadeia. Foi a primeira vez que parlamentares entravam na cadeia. É pena que não estejam aqui alguns dos que estavam presos, que hoje são deputados, para testemunhar sobre o fato. Lá estava o Haroldo de Lima – eu me recordo muito bem – e não era o único. E foi o começo da mudança, no sentido de que, realmente, haveria que se marchar firme para a anistia.

Esse era o Teotônio. Ele não hesitava. Quando estava tomado da paixão sagrada de uma causa, ele encarnava aquela causa inteira. E foi assim, com gestos que podiam parecer quixotescos – e Teotônio tinha um certo ar de Quixote.

Qual é o significado de entrar no Barro Branco? Hoje, pode não parecer nada. Naquela época, era romper, simbolicamente, um obstáculo que parecia ser impossível transpor. Esse foi o Teotônio. Eu estava ao lado dele, mas quem abriu a porta foi ele.

Para finalizar – aqui também há testemunhas disto, como o Senador Sarney mencionou –, na greve de São Bernardo, a mesma questão: muita dificuldade, polícia, aquelas pessoas que jogavam gás lacrimogêneo, tiros, não-sei-o-quê, vai e não vai. Estávamos na casa do Senador Severo Gomes, e Teotônio me disse: “Nós vamos lá.” Não tinha jeito. E eu: “Vamos lá.” E não fomos uma vez, não: fomos o tempo todo, enquanto durou a greve. O José Gregori está aqui e é testemunha disso. O Governador Montoro esteve lá, também.

E aquilo não era brincadeira de criança. Era a polícia, a Polícia Militar, helicópteros em cima, o Lula, grevistas dentro da igreja, grevistas fora e “Vai ou não vai haver confronto?” Começaram a jogar pedra e gás lacrimogêneo. E onde é que estava o Senador Teotônio? No meio, entre os grevistas e a polícia, gritando com a polícia que tinha que respeitar, que não podia, que era o direito de greve, que era isso, que era aquilo, com uma intrepidez, que, mesmo para as pessoas que não têm essa ousadia – como eu – não havia outro jeito senão ousar.

Ousávamos porque, perto de Teotônio, era uma vergonha não tomar posição. Era uma vergonha não ser capaz de dizer “não”, da forma apropriada, independentemente dos riscos que nós corrêssemos.

Esse foi o Teotônio que marcou a todos nós. Que ninguém tenha dúvida, Teotônio transcendeu a partidos, ele transcendia a tudo. Era um homem que, realmente, superava quaisquer circunstâncias. Quase superou a morte. Houve momento em que Teotônio já não tinha a menor condição física de exercer, na plenitude, o papel de guia que tinha, e ele exerceu esse papel.

Eu o acompanhei até o último momento, em Alagoas, até o enterro. Todos nós acompanhamos. E os que não puderam estar juntos, lá, nunca deixaram de estar junto dele. Alguns não estavam do mesmo lado, mas nenhum de nós jamais duvidou da integridade do Teotônio. Nenhum de nós jamais duvidou de que o que ele dizia era aquilo em que ele acreditava. E todos nós, se pudemos fazer alguma pequena coisa no sentido da redemocratização e do resgate das dívidas que o Senador Teotônio Vilela Filho, que honra o pai, mencionou aqui, é porque nós pudemos ter a convivência com Teotônio.

Nós somos imensamente gratos a ele. Felicito o Presidente do Senado, os Senadores, o coral que aqui cantou, todos os que se empenharam e a Fundação Getúlio Vargas, e espero – mais uma vez, pela memória que nós todos que fomos seus contemporâneos temos viva no nosso coração e que os que não foram hão de ter, para grandeza de cada um dos que vão conviver com as imagens de Teotônio –, espero mesmo que nós possamos, sempre, continuar inspirados em gente como Teotônio Vilela.

Muito obrigado.

